

Gênero e complexidade: paradigmas em diálogo

*Tânia Mara Vieira Sampaio**

RESUMO

Sem a pretensão de propor soluções sobre as questões da qualidade de vida de nosso mundo globalizado, esse texto deseja levantar o debate dos referenciais teóricos e possíveis inspirações para construir uma percepção da vida, na qual a interdependência dos seres coopere no redimensionamento de cada um nessa grande teia. Conseqüentemente, gere a pergunta sobre as relações de poder assimétricas, de várias ordens, para reinventá-las. A perspectiva do debate teórico é lançar luzes aos processos de inclusão e exclusão do corpo o que concerne ao gênero e demais diferenças que constituem a pluralidade da existência humana.

Palavras-chave: complexidade, novos paradigmas, gênero.

ABSTRACT

Without the pretension to propose solutions about the questions on quality of life in the globalized world, this text seeks to dial with the debate of the theoretical references and possible inspirations to construct the perception of life in which the interdependence of beings helps to dimension them in this big web. This

consequently asks for the asymmetric power relations, in several levels, to reinvent them. The perspective of this theoretical debate is to illuminate the inclusion and exclusion processes on gender and other differences that constitute the plurality of human existence. *Keywords:* complexity, new paradigm, gender

Introdução

No marco dos grandes desafios atuais, os impasses com a sustentabilidade da vida são muito mais amplos e implicam em uma rede intrincada de conexões que precisa ser observada. Apontar-se-á, nesse propósito, alguns debates epistemológicos que contribuem para a articulação de paradigmas interpeladores às diversas áreas de saber. No caso específico desse texto, alguns aspectos relativos à preocupação com a vida em suas múltiplas manifestações no ecossistema, serão o foco irradiador do diálogo. Os desdobramentos para as áreas de saber preocupadas com a qualidade de vida das pessoas, dos demais seres vivos e do ecossistema reforça a perspectiva de que nessa complexa organização, a fragmentaridade dos saberes, precisa pensar-se enquanto elemento de aprofundamento do estudo e não encastelamento das ciências.

Sem a pretensão de propor soluções sobre as questões da qualidade de vida de nosso mundo globalizado, esse texto deseja levantar o debate dos referenciais teóricos e possíveis inspirações para construir uma percepção da vida, na qual a interdependência dos seres coopere no redimensionamento de cada um nessa grande teia. Conseqüentemente, gere a pergunta sobre as relações de poder assimétricas, de várias ordens, para reinventá-las. A perspectiva do debate teórico é lançar luzes aos processos de inclusão e exclusão do corpo, o que concerne ao gênero e demais diferenças que constituem a pluralidade da existência humana.

* Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo na área de concentração de Literatura e Religião no Mundo Bíblico. Atualmente é professora na Universidade Metodista de Piracicaba. Coordenadora Regional para América Latina e Caribe da EATWOT/ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo). E-mail: tsampaio@unimep.br

Revisões epistemológicas de caráter introdutório

Nesse propósito, ensaiamos passos novos. O corpo deseja caminhar por outras estradas, anunciando contornos inaugurais. Movimentos nos quais se possa reconhecer sensibilidades semelhantes e não meras formas que se repetem. Significa aprender de descobertas, como as da física quântica¹, que há que se considerar, até mesmo, para os objetos que tomamos por sólidos, o movimento, em oposição à dimensão estática. A revisão de paradigmas da física desencadeia para as outras áreas de saber, questionamentos capazes de desinstalar suas verdades de caráter absoluto e imutável.

Na perspectiva de um recurso imaginativo, pergunto se o ritmo das águas, tão imprevisível e multiforme, não pode dar o tom do caminhar novo que buscamos. Ouvir as canções da água, nos leitos e desvios que o curso das relações ecossistêmicas provocam, pode ser pista inusitada, prazerosa e propiciadora de horizontes.

Extrair do movimento ordenado/desordenado das águas o convite para um movimento novo na direção de revisão das racionalidades discursivas a que estamos acostumados, não é mero recurso de linguagem, é proposição de perspectiva. Penso que há desafios novos que nos vêm, por exemplo da Física, mais do que das Ciências Sociais e Humanas, nesse momento. O físico Ilya Prigogine, em seu livro *O fim das certezas. Tempo, caos e as leis da natureza*, nos provoca a pensar que não mais podemos nos assegurar nas certezas antigas, estamos em um momento no qual se pode “avançar sobre possibilidades”².

1. “A primeira revolução científica de nosso século, iniciada pela termodinâmica de Boltzmann, deflagrada pela descoberta dos *quanta*, seguida pela desintegração do Universo de Laplace, mudou profundamente nossa concepção de mundo. Minou a validade absoluta do princípio determinista. Subverteu a Ordem do mundo, grandioso resquício da divina Perfeição, para substituí-la por uma relação de diálogo (ao mesmo tempo complementar e antagônica) entre ordem e desordem. Revelou os limites dos axiomas...” MORIN, 2000, 56 [b].

2. PRIGOGINE, 1996, 14; MORIN, 2000, 59-61[a].

As próprias ciências rígidas passam por um processo de autocrítica e estão interpelando suas definições absolutas, estáticas, imutáveis e com isso, enunciando que o paradigma cartesiano está em processo de esgotamento. Afirmam que será preciso uma nova percepção do ecossistema e de sua complexa rede de relações que tece a vida. E, por conseqüência, o pensamento, o conhecimento humano, terá que ser alterado.

Na física o paradigma mecanicista teve que ser abandonado no nível do muito pequeno (na física atômica e subatômica) e no nível do muito grande (na astrofísica e na cosmologia). Em outros campos, as limitações podem ser de diferentes espécies; elas não precisam estar ligadas às dimensões dos fenômenos a serem descritos. Preocupamo-nos menos com a aplicação da física newtoniana a outros fenômenos que com a aplicação da visão de mundo mecanicista em que se baseia a física newtoniana. **Cada ciência terá que descobrir necessariamente as limitações dessa visão de mundo, no respectivo contexto**³”.

Ilya Prigogine, ao interrogar os conceitos fundamentais da física, afirma contundentemente as noções de instabilidade e caos, propondo uma nova formulação das leis da natureza “que não mais se assenta em certezas, como as leis deterministas, mas avança sobre possibilidades”⁴. Sendo-me permitida a analogia, *avançar sobre possibilidades* constituiu-se o horizonte teórico que perpassa nossa reflexão.

Tempo de possibilidades é o tempo indicado pelos físicos, anunciando que cada saber a seu tempo terá que visitar seus “dogmas”. Os saberes humanos, construídos em códigos de linguagem disponíveis, comuns a várias ciências, também estão sob “suspeita”, não há como afirmar, senão provisórias e incertas certezas, a despeito de toda a objetividade metodológica.

As áreas de conhecimento têm diante de si revisões a empreender no diálogo com outros saberes humanos. As construções de saber são datadas,

3. CAPRA, 1982, 95 [negrito acrescentado].

contextualizadas, sexuadas, racificadas, socialmente classificadas e implicam em relações de poder que precisam ser identificadas para desencadear processos de des-construção e construção. “Produção do saber e exercício do poder, longe de se constituírem em esferas estanques e separadas, aparecem historicamente indissociadas.”⁵ A correlação evidente entre poder e saber, trará consigo, portanto, a pergunta pelo método de construção do conhecimento e seus pressupostos básicos.

Na afirmação intrigante de Ivone Gebara⁶, o debate epistemológico a partir do feminismo e da ecologia profunda, nos desafia

a arrumar os sentidos e os conhecimentos de um outro jeito. Por isso, um passo importante a ser dado é repensar o conhecimento, nossa epistemologia para, a partir daí, captar de outra maneira os sentidos de nossa existência. Em seu texto o desafio é para jamais deixar adormecer a energia inquiridora da mente, a nunca deixar de questionar o que parece óbvio e definitivo. *Contra dogmatismos... o movimento da vida!*

O movimento de escuta e de silêncio apresenta-se neste contexto como *kairós*, um tempo oportuno para situarmo-nos como seres aprendentes. A pintura da realidade confronta-nos com a ausência de respostas, o que é bastante positivo. O movimento de sintonia e, aprendente dos processos auto-criativos e auto-destrutivos do ecossistema⁷, indica que as respostas que buscamos não se formulam humana e individualmente, mas têm um surgimento plural. Ao invés de respostas, seria importante seguirmos com as perguntas, agregando a elas o silêncio de nossa racionalidade estruturadora dos saberes.

Das revisões epistemológicas à identificação de novos paradigmas

Os problemas globais que afetam a biosfera e a vida humana, ambos talvez irreversíveis, na visão de Fritjof Capra⁸, são problemas atuais que

não podem ser entendidos isoladamente. São sistêmicos. Estão interligados e são interdependentes. O momento presente, com “a escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e à violência étnica”, nos coloca diante de uma grande crise: **uma crise de percepção**. Com este desafio, o autor abre sua obra interpelando as ciências para o diálogo e para assumir a mudança de percepção e do pensamento como possibilidade de responder às urgências de nosso tempo, sejam elas a da sustentabilidade no ecossistema, sejam as diversas formas de violência que se propagam.

O movimento do corpo em silêncio, sem pressas em dar respostas, sem aflição por não saber a verdade, sem uma infinidade de certezas. De fato, desprovido das respostas, mas aberto aos movimentos complexos que marcam a existência cotidiana das pessoas e da pluralidade de vidas do ecossistema, é caminho transgressor necessário.

Uma contribuição a este horizonte de re-significação das relações pode ser encontrado em trechos de testemunhos orais do Chefe Seattle, um líder indígena dos EUA, aproximadamente no ano 1852, citados na obra de Campbell:

Isto sabemos: a terra não pertence ao homem, o homem pertence à terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo. O que acontecer à terra recairá sobre os filhos da terra. **O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios.** Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo⁹.

Destaque deve ser dado a estas cosmovisões que aproximam horizontes há tempos, vivenciados por nações indígenas e anunciadas no desafio dos físicos, para alcançarmos uma nova percepção do mundo e suas complexas redes de sentido. Na expressão de Albert Einstein:

4. PRIGOGINE, 1996, 14,31.

5. NUNES, 1995, 10.

6. GEBARA, 1997, 24.

7. MORIN, 2000, 56-57 [a].

8. CAPRA, 1996, 23.

9. CAMPBELL, 1990, 33-36. [negrito acrescentado].

Os seres humanos são uma parte do todo que nós chamamos de Universo, uma pequena região no tempo e no espaço. Eles consideram a si mesmos, suas idéias e seus sentimentos como separados e à parte de todo o resto. É como uma ilusão de ótica em suas consciências. Essa ilusão é uma espécie de prisão. Ela nos restringe às nossas aspirações pessoais e limita nossa vida afetiva a umas poucas pessoas muito próximas de nós. Nossa tarefa seria livrar-nos dessa prisão, tornando acessível nosso círculo de compaixão de forma a abraçar todas as criaturas vivas e toda a natureza em sua beleza¹⁰.

A observação da dinâmica criativa da própria natureza e sua forma autocriativa poderia ser um passo alternativo ao jeito de elaborar o conhecimento. Refere-se aqui à necessidade de debater essa visão mecanicista e instrumental da natureza, para usufruto dos seres humanos (de alguns seres humanos) em detrimento da integridade do ecossistema. Infere-se nesta etapa da reflexão a necessidade de sentir/pensar o ecossistema em sua dimensão interdependente e complexa, superando a fragmentaridade de nossas abordagens epistêmicas.

As epistemologias de origem cartesiana, epistemologias do "penso, logo existo", nos condicionaram a entender o conhecimento humano como limitado a processos mecânicos que se passam no interior do sujeito e se expandem para o "mundo objetivo" (...) Tentamos superar as formas mecanicistas de conhecimento em que o todo é apenas a soma das partes e cada parte pode ser considerada uma peça independente. A epistemologia inclusiva tem a ver com o caráter de interdependência recíproca no qual existimos e somos. (...) Não se trata apenas da interdependência e relação com os outros seres humanos, mas com a natureza, as forças da Terra e do Cosmos. O conhecimento é um ato humano no que se refere ao tipo de elaboração e consciência particulares a nosso tipo de organização vital, mas é também conhecimento animal, vegetal e cósmico em nós¹¹.

O debate epistemológico não pode prescindir da identificação dos pressupostos fundantes das formulações de saber, pois estes organizam pensamentos, valores e relações, elucidando que o

conhecimento se estrutura a partir de uma determinada percepção do mundo, o que remete-nos novamente à interrogação sobre o paradigma que nos orienta. Considerando a reflexão de Edgar Morin sobre o papel que os paradigmas desempenham na formulação das teorias, doutrinas e ideologias, podemos afirmar que movemo-nos no eixo mecanicista, no qual o paradigma da disjunção compreende a relação entre ser humano e natureza como um processo de distinção:

entre os dois termos e **determina o que há de específico no homem por exclusão da idéia de natureza** (...) Este paradigma determina dupla visão do mundo – de fato, o desdobramento do mesmo mundo: de um lado, o mundo de objetos submetidos a observações, experimentações, manipulações; de outro lado, o mundo de sujeitos que se questionam sobre problemas da existência, de comunicação, de consciência, de destino¹².

Depreende-se de seu posicionamento a necessidade de alcançarmos um paradigma complexo, no qual "implicação/distinção/conjunção" estejam articulados para poder alterar a cultura científica que nos aprisiona. Em consonância com esse debate epistemológico, pode-se acrescentar a reflexão, de Hugo Assmann e Jung Mo Sung, acerca dos *ecossistemas do sentido*, em muito semelhantes aos ecossistemas naturais na qualidade de moradas da esperança e da curiosidade. Ambos elementos fundamentais ao processo de aprender a aprender e como tal espaço das construções epistemológicas.

Os ecossistemas naturais são constituídos por nichos plurais que abrigam formas diferenciadas de vida. Os ecossistemas do sentido obedecem igualmente a esse princípio da diversidade e da diferença dos seres que compartilham um mesmo habitat do sentido¹³.

A reflexão epistemológica desencadeada traz para o debate da produção dos saberes o cotidiano em sua complexa diversidade, o que implica em

10. Albert Einstein, *apud* RUSSEL, 1991.

11. GEBARA, 1997, 72,74,61.

12. MORIN, 2000, 25, 27 [a] [grifo acrescentado].

13. ASSMANN & MO SUNG, 2000, 266.

sentir/pensar as alegrias e tristezas da vida como construtos do conhecimento humano, reportando-se a uma percepção da realidade e de suas múltiplas relações. E, a partir da experiência cotidiana é que conhecemos as coisas e a nós mesmos.

Conhecer o próprio conhecimento permite influir nos processos de construção e transmissão do mesmo, podendo alterar a estrutura hierárquica de poder para introduzir novas formas de sentir/pensar. Nesse sentido, constata-se que os processos reducionistas das racionalidades científicas questionados por muitos teóricos¹⁴, desembocaram nas incertezas que invadem também o horizonte do saber.

Gênero e Complexidade: paradigmas em diálogo

Entre os caminhos epistêmicos de superação dos impasses, é fundamental explicitar as contribuições advindas das teorias da complexidade e das teorias gênero. A primeira, que pensa o ecossistema em sua dimensão interdependente e complexa, no qual o ser humano inclui-se, não como superior, mas como distinto, inaugurando uma nova percepção que propõe relações de conexidade entre seres vivos diferentes na perspectiva de redes. A segunda, com suas ênfases nas relações sociais assimétricas entre homens e mulheres; na demarcação a não homogeneidade destes grupos sociais, agregando-se a essa reflexão a constatação das assimetrias étnicas e de classes sociais¹⁵. Ambas as teorias, têm impulsionado revisões conceituais de muitas ordens, superando a fragmentaridade de nossas abordagens epistêmicas.

Do questionamento das desigualdades sociais baseadas nas diferenças de ordem biológica, chegou-se a interrogar milenares afirmações de inferioridade das mulheres em relação a homens, de negros em relação a brancos, do ecossistema em relação a seres humanos, devido à natureza intrínseca de cada um destes seres.

Entre as decorrências, surgiu a urgência de uma revisão antropológica que contemplasse as construções históricas e sociais “naturalizadas” ao longo das épocas, obscurecendo os jogos de poder embutidos nestas descrições de papéis e relações. Outrossim, não tendo o eixo econômico como exclusivo ou “carro chefe”, as pessoas puderam ser percebidas como seres não apenas constituídos de necessidades, mas de desejos e paixões, com todas as implicações para as relações humanas, sociais e ecossistêmicas que isto possa significar.

O resgate do corpo como lugar ímpar da experiência de estar vivo, do sentir/pensar, lugar das relações, das circulações de poder que oprimem e libertam, um fio da grande teia, foi decisivo nessa novidade epistêmica e, por conseguinte, é dado relevante para o resgate do trato com o ecossistema.

Em tempos de esgotamento de recursos fundamentais à sobrevivência do planeta, deseja-se que uma reinvenção das relações em toda a sua complexidade seja mais do que um modo de ser e torne-se uma proposta epistemológica e metodológica.

Nesse momento, vale ressaltar alguns avanços antropológicos, como os que formulam a superação de concepções de mundo e relações de caráter androcêntrico para uma perspectiva antropocêntrica. No entanto, cabe dizer que se essa mudança resolve a descentralização da matriz cultural masculina como parâmetro para o humano, ela não altera a percepção de centralidade do humano para entender o ecossistema em suas relações.

O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos. Assim, como cada ponto de um holograma contém a informação do todo do qual faz parte, também, doravante, cada indivíduo recebe ou consome informações e substâncias oriundas de todo o universo¹⁶.

Esse debate nos coloca novamente diante da necessária crise de percepção, que apresenta a

14. Cf. MORIN, 2000, 89,56 [b].

15. SCOTT, 1991; COSTA, 1992; SAMPAIO, 1999.

16. MORIN, 2000, 67 [a].

interdependência de tudo o que forma o ecossistema e produz vida na forma de desafio para pensarmos os seres humanos como parte dessa grande "teia da vida". Uma visão que certamente terá que abdicar da concepção de centralidade. Seja ela divina, humana ou cósmica. Nem mais teocêntrica, nem mais andro/antropocêntrica, nem *qualquercoisacêntrica!*

Afirmamos aqui, provisoriamente, uma concepção que "explode" o centro para dar lugar a uma concepção de relações de mútuas interdependências; sem que isto desqualifique o ser humano, mas o re-signifique na relação de perceber-se como parte necessária e com necessidades de toda a complexa e múltipla diversidade do que existe no ecossistema.

Outro eixo epistemológico decorrente da questão acima mencionada refere-se à concepção de poder de tais relações. O eixo assimétrico, de subordinação e instrumentalização reforça os padrões de concepção do poder como hierárquico. Este tem sido, historicamente, responsável por nortear relações que subordinam mulheres a homens, negros a brancos, ecossistema a seres humanos. Urge a inauguração de outra concepção de poder que se desenhe na perspectiva de redes, pois se coadunam com concepções de conexão e interdependência anunciadas anteriormente.

Trata-se de inaugurar uma experiência que redimensione o ser humano em relação ao ecossistema não como superior, mas como distinto. Uma experiência de nova percepção de ser e estar no mundo em um contexto de relações mais amplas que as humanas e sociais. Uma percepção que inclua relações de conexão de seres vivos diferentes e que pela diferença criam e recriam a vida ou podem, ao revés, destruí-la. Isto exige uma visão de poder na perspectiva de redes e não de hierarquias que se sobrepõem. Nesse sentido, outros referenciais teóricos precisam ser articulados, entre eles Gênero, Movimento e Mercado, em seus reflexos para a corporeidade.

Corporeidade no eixo do debate de gênero

A reflexão sobre a corporeidade não pode prescindir de localizá-la em sua materialidade. Esse corpo em movimento apresenta-se identificado por seu sexo, sua etnia, sua classe social, sua idade, suas crenças etc. Segundo Ivone Gebara:

a questão de gênero nos leva a uma crítica do universalismo das ciências humanas (...) as afirmações que diferentes ciências humanas fizeram sobre vários assuntos, frequentemente foram apresentadas como sendo do "humano", quando na realidade elas se referem sobretudo à experiência masculina, aliás muitas vezes limitada ao mundo ocidental. A teoria universal é uma teoria masculina e centralizada nos lugares de poder dominante e nas relações sociais ligadas a poderes¹⁷.

A contribuição que nos auxilia a uma aproximação deste corpo em sua concretude é a categoria analítica de Gênero, que se apresenta como uma possibilidade teórica que enfrenta a pergunta pelas relações sociais de poder e, portanto, é capaz de articular não só a confluência das relações de sexo, mas também étnicas, de classe, que atravessam as diferentes estruturas da experiência humana.

O debate acerca do caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, adverte para a compreensão de que a dimensão de sexo não se restringe ao aspecto puramente biológico, mas transita nas construções sociais. Este dado nos permite não naturalizar processos de caráter histórico, interpondo-se aqui a categoria Gênero como algo distinto de sexo.

A percepção do sexo anatômico de uma criança, logo após o seu nascimento, não necessariamente corresponderá ao seu Gênero. As matrizes de Gênero, desenhadas nas culturas e processos históricos, têm a força de imprimir aos corpos algo que transcende sua anatomia. Jo Ann Scott avança ao dizer que o sexo é o que *percebemos* do sexo anatômico de uma genitália de macho ou

17. GEBARA, 2000, 115.

de fêmea. A partir daí, inicia-se o processo de socialização destes corpos com as imagens do masculino e do feminino disponíveis na cultura. Por exemplo, vestir o corpo masculino de azul e o corpo feminino de cor-de-rosa, é um dos muitos sinais deste processo de construção da identidade de Gênero¹⁸.

Ademais de considerar Gênero como uma categoria de análise, é importante considerá-lo uma categoria histórica. Pois, não há sociedade que não elabore imagens vinculadas ao masculino e ao feminino e estas construções são datadas e contextualizadas. As ações humanas não são apenas fruto de decisões racionais, mas se estruturam a partir do imaginário social, com seus simbolismos que subsistem nas culturas. "São produções de sentido que circulam na sociedade e permitem a regulação dos comportamentos, de identificação, de distribuição de papéis sociais."¹⁹ Este complexo mecanismo de construção de um saber com características de algo "natural" e aparência de imutabilidade, precisa ser desvelado por uma atitude científica de suspeita e superação epistemológica.

Os estudos mediados pela categoria de Gênero evidenciam os processos normativos de construção do saber, visando a desnaturalização de processos que são socialmente construídos e a análise das relações sociais de poder. Este procedimento analítico considera o poder não como uma instância absoluta e estática, mas como um conjunto de forças que se move entre/contra/sobre/com os diversos sujeitos sociais. Portanto, trata-se da análise das distintas parcelas de poder vividas pelos grupos sociais em uma determinada estrutura social e sua repercussão sobre a corporeidade.

Neste sentido, a concepção de poder de Foucault tem sido apreciada e apropriada em muitas reflexões teóricas feministas, por sua perspectiva de considerar que o poder apresenta-se como constelações dispersas, em parcelas que

são apropriadas diferentemente pelos grupos sociais e em contraposição a uma visão de poder como bloco homogêneo e único por parte das esferas dominantes²⁰.

Enfim, precisamos substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado por alguma coisa que esteja próxima do conceito foucaultiano de poder, entendido como constelações dispersas de relações desiguais constituídas pelo discurso nos "campos de força"²¹.

Depreende-se desta consideração que não apenas o saber em sua construção e transmissão teórica, mas igualmente a realidade, está construída com base em relações sociais de poder. Nestas, as relações de Gênero apresentam-se marcadas por interesses e relações assimétricas que, muitas vezes, subordinam as mulheres, bem como outros grupos sociais (a saber minorias étnicas, sociais etc.).

Corporeidade e os movimentos relacionais

A análise de relações sociais tem de considerar os vários movimentos dos corpos, que experimentam a relacionalidade como constituição de seus cotidianos. Trata-se de observar as pessoas ou grupos sociais em sua dinâmica relacional. Por conseguinte, a pergunta a respeito do movimento pede a identificação do lugar em que estão as pessoas, visando a reflexão sobre pessoas concretas e não apenas sobre os discursos. Neste sentido, a dinâmica dos corpos em relações sociais associa-se a dimensão movimento como outra categoria fundamental a ser elucidada²².

A interação das categorias corpo-movimento-relações sociais permite a organização de perguntas teóricas que contemplem não unicamente a identificação dos discursos, mas a possibilidade de um encontro com as vivências concretas e suas representações. O interesse está em analisar os movimentos que comunicam o complexo jeito

18. SCOTT, 1991,12.
19. TEVES, 2000,190.

20. SAFFIOTI,1992; TEVES,2000.
21. SCOTT, 1991,14.
22. SAMPAIO, 1999.

humano de construir seus sentidos e organizar suas sociedades. Trata-se de uma opção metodológica a pergunta sobre o movimento dos corpos concretos em suas múltiplas relações. Por um lado, para evitar abstrações sobre a realidade e, por outro, para não perder a riqueza dos detalhes que indicam os vários jeitos de admitir a subjetividade como parte integrante do método de enfrentar as situações.

Está no corpo, com sua materialidade, a condição dos seres vivos construírem suas experiências de relações no mundo. É o corpo de mulheres, homens e crianças que exige uma nova leitura do mundo e de suas ciências. A organização da corporeidade é exigente: quer explicações, satisfações, companhia. Em sua experiencição na vida, cria linguagens próprias para comunicar suas urgências e presença no mundo e relações. Não se trata de focar a experiência de vida em geral, nem mesmo de abordar os grandes eixos históricos. Deseja-se, sobretudo, uma aproximação de vidas e histórias que tenham em comum sua construção cotidiana, perpassada por uma multiplicidade de relações sociais, estruturadas simultaneamente por mecanismos de dominação e controle e por exercícios de mudanças e resistências.

As organizações sociais e, conseqüentemente, seu imaginário se modificam mediante a incorporação de novas técnicas de produção de imagens. Melhor dizendo: vivemos o fenômeno da multimídia que, articulando diferentes tecnologias, proporciona a seus usuários um contato cada vez mais interativo e veloz com bancos de dados complexos, nos quais estão presentes imagens, hipertextos, música, sons. São aparatos que "constroem" imagens de corpo, ideais de beleza (...)²³.

A opção metodológica de reconhecer a relevância dos aspectos do cotidiano para formular as perguntas, possibilita aproximar-se dos desejos, anseios, sonhos, ausências e processos de resistência presentes na construção das experiências de

vida das pessoas e de suas comunidades por meio da corporeidade em movimento intencional.

Na experiência cotidiana, composta de inúmeros detalhes – e que, por isso, corre o risco de parecer supérflua à análise – acontece de fato a construção das relações sociais de poder. O que conduz a investigação, baseado na categoria de Gênero, em seu propósito de superar a dicotomia entre o concreto das relações humanas e os raciocínios abstratos das formulações epistêmicas.

O movimento que, na vida cotidiana, os corpos estabelecem para saciar necessidades básicas, desenvolver desejos e estabelecer projeções sociais de dignidade, é fundamental e constitutivo da construção de uma fala objetiva e até mesmo paradigmática da história. A experiência humana, por sua diversidade, resulta numa pluralidade de movimentos que se articulam em meio a provisoriedade e transitoriedade inerentes ao aspecto relacional da corporeidade no mundo. E tal dinâmica das histórias de vida quer ser elucidada e preservada no processo de aproximação do debate sobre a Corporeidade.

Corporeidade no eixo do debate do mercado mundializado

Outro aspecto fundamental a destacar no debate sobre Corporeidade diz respeito ao tratamento que o atual sistema de mercado globalizado impõe ao cotidiano das pessoas como norma de vida. Em um discurso de liberdade de escolha, de participação ativa nas decisões sobre a vida, a mídia cumpre o papel de controlar os corpos ditando padrões únicos de beleza para mulheres e para homens. Há contornos que devem ser buscados pelas pessoas, a despeito de sua individualidade e peculiaridade no mundo. Os padrões rígidos de estética corporal são códigos de exclusão ou de inclusão social, provocando mortes reais e sociais cotidianamente²⁴.

23. TEVES, 2000, 192.

24. TEVES, 2000.

O processo de desconstrução de discursos normativos que culpabilizam os corpos que não atingem os padrões estabelecidos, não é apenas necessário fazê-lo no âmbito dos setores de comunicação social. Há um discurso e um ritual cotidiano no movimento dos corpos que precisa ser desmascarado. Há um conteúdo religioso que permanece oculto no discurso econômico e político, difundido como orientador da vida e decodificado como um convite à saúde e qualidade de vida.

A ritualização cotidiana exigida pela atual economia de mercado sacraliza a liberdade deste em detrimento da vida das pessoas. Prega que é preciso ter fé no mercado, assim como se tem fé em Deus. Proclama que o desenvolvimento tecnológico-científico é capaz de salvar os países subdesenvolvidos de seu atraso e conduzi-los ao paraíso da modernidade. Anuncia-se como *messias* dos novos tempos e para isso exige o sacrifício como ritual necessário.

Quando os políticos e economistas, em seus discursos, pedem/apelam à sociedade, convocando a todos para que cada um faça sua parcela de sacrifício para que se alcance o progresso científico e tecnológico, próprio da modernidade, fica obscurecida a carga religiosa desta convocatória. Este discurso, aparentemente não religioso, alimenta o mito do progresso. E, fundamentalmente, mascara que o sacrifício pedido de todos é morte real de alguns (muitos) – é morte real, projetada para $\frac{1}{4}$ da população mundial, para os quais não há trabalho projetado no atual desenvolvimento tecnológico-científico em operação no mercado globalizado.

Nesse debate, penso que somos desafiados/as a fazer revisões epistemológicas para que se possa afirmar vida digna para todas as pessoas, todos os seres vivos e para o ecossistema em sua complexa teia de relações. Cabe uma crítica estrutural desta lógica religiosa perversa do mercado capitalista atual. Afinal, ídolos feitos por mãos humanas (como é o caso do mercado) é sagrado antropofágico. Ele se alimenta da morte e dos decretos de morte feito às vítimas – que

são, por este mesmo sistema, culpabilizados (tendo o fracasso como responsabilidade pessoal e não sistêmica) ou tornados “boi de piranha” ou “bodes expiatórios”. E nesse rito de morte, vão para o “altar do sacrifício” as pessoas mais enfraquecidas por este discurso normativo sobre os corpos: a exemplo dos empobrecidos, dos negros, dos indígenas, das mulheres, das crianças, dos velhos, dos gordos, dos doentes de Aids, dos soropositivos, das pessoas portadoras de necessidades especiais, enfim os integrantes dos grupos sociais na rota da *descartabilidade* e exclusão social.

Em síntese, a reflexão crítica a esta lógica do mercado globalizado nos permite uma postura crítica frente aos discursos normativos que pautam nosso cotidiano; ao controle de nossa corporeidade; à perda de autonomia das decisões sobre nossas vontades e desejos; à redução de nossos desejos ao consumo de mercadorias; à fixidade dos padrões de beleza, de moda, de corpo, de áreas de atuação; à violência gerada nas relações sociais; à imposição de regras que arrebatam as relações humanas; aos tabus obrigatórios das *griffes*; ao mimetismo cultural que subjuga nossos signos comunicativos, transportando palavras e imaginários sociais para nossa linguagem cotidiana; à uma postura educativa (na área da Ed. Física) meramente reprodutiva e pouco criativa e pró-ativa; à uma insensibilidade social que descarta a solidariedade das relações entre as pessoas; à substituição de nossas experiências religiosas por uma religião de mercado; à uma compreensão de sociedade em que não cabe o direito à dignidade de vida para todas as pessoas.

A essa lógica perversa de exclusão e morte é preciso dar um basta! Essa “teologia econômica” que atravessa as muitas esferas da realidade cotidiana precisa ser enfrentada. Ao indicarmos a necessidade de enfrentar a lógica sacrificial, de exclusão, de controle da corporeidade, de morte para milhares de seres humanos e para o ecossistema, não podemos fazê-lo com ingenui-

dades de negação da existência do mercado. Mas, sim, repudiar a sua idolatria.

Será necessário redesenhar o desenvolvimento tecnológico e científico; intervir em sua dinâmica com seus próprios instrumentos para pensar o trabalho e não a exclusão para as pessoas. Será necessário enfrentar a lógica da exclusão com a afirmação de um mundo em que caibam todos; será necessário rever o desperdício; reorganizar o uso das energias disponíveis; perceber as redes de conexões do universo que se manifestam na contra-mão dos desequilíbrios ambientais. Assim, a corporeidade de todas as pessoas passa a ser fonte de critérios para uma Ética Solidária. Trata-se de afirmar a dignidade inviolável da corporeidade pois, é nesta, que se objetiva a vida.

Segundo Assmann, há um conceito novo e denso de corporeidade aplicável tanto ao âmbito da existência individual, como, analogamente, ao da sua inserção em processos bio-sociais que formam sistemas dinâmicos com (parcial) auto-regulação. Para ele, a corporeidade, entendida como simultânea ênfase na corporeidade individual e nos nexos corporais da inserção na amplitude do social, é a *referência unificadora* para levar a sério, de forma conjunta, as necessidades e os desejos humanos. Portanto, é a referência-chave para afirmar, de maneira interrelacionada, a aceitação do mercado e a intervenção de decisões políticas acerca do seu direcionamento planejado em direção a metas sociais, que não brotam espontaneamente do seio dos mecanismos do mercado. A seu modo, Umberto Eco aponta para a corporeidade como a fundamentação mais radical, no sentido de que a corporeidade é a que tem a raiz mais objetiva da ética²⁵.

Sobre o respeito pelo corpo. É possível constituir uma ética sobre o respeito pelas atividades do corpo: comer, beber, urinar, defecar, dormir, fazer amor, falar, escutar, etc. (...) Obrigar alguém a viver de cabeça abaixada é uma forma de tortura intolerável. (...) O estupro não respeita o corpo do outro. Todas as formas de racismo e exclusão constituem, em última análise, maneiras de se negar o corpo do outro. Poderíamos fazer uma releitura de toda a história da ética sob o ângulo dos direitos dos corpos, e das relações de nosso corpo com o mundo²⁶.

25. ASSMANN, 1998.

26. Entrevista a Umberto Eco. *Folha de São Paulo*, 3 de abril de 1994, caderno 6, p. 7; publicada também por *Le monde*.

A Corporeidade considerada à luz de uma nova percepção epistêmica, traz grandes desafios à produção do conhecimento e seguramente para pensar as diversas áreas de conhecimento.

Referências bibliográficas

- ASSMANN, Hugo. *Metáforas novas para reencantar a educação. Epistemologia e Didática*. Piracicaba:Unimep, 1998.
- ASSMANN, Hugo & SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária. Educar para a Esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito – com Bill Moyers*. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992.
- GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Olho d'água, 1997.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez: Brasília, DF:UNESCO, 2000.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- NUNES, Maria José F. R. "Gênero: saber, poder e religião". In: *Mandrágora* nº 2, Estudos Feministas e Cristianismo. Pós-Graduação em Ciências da Religião, Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernardo do Campo, 1995.
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas. Tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- SAFFIOTI, Heleith I. B., "Rearticulando gênero e classe social". In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *Movimentos do Corpo Prostituido da Mulher. Encontros e desencontros teológicos*. São Paulo: Loyola, 1999.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS – Corpo, 1991.
- TEVES, Nilda. "Corpo e Esporte: símbolos da sociedade contemporânea". In: MOREIRA, Wagner Wey & SIMÕES, Regina. *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Editora Unimep, 2000.